

Teixeira, José, 1996, "Branco é, galinha o põe" (Entradas lexicais e Significado de Comunidade) ,  
*Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, II vol., Associação  
Portuguesa de Linguística, Lisboa.

*José Teixeira*

Instituto de Letras e Ciências Humanas

UNIVERSIDADE DO MINHO

jsteixeira@ilch.uminho.pt

### **“Branco é, galinha o põe”**

Como faço parte dos 99,999% de portugueses que não são especialistas em lexicografia, pensei que seria curioso, num encontro como este, que os conhecedores da matéria ouvissem as dúvidas e dificuldades de um representante desta nossa esmagadora maioria. Até para, passe a rima, bem da democracia.

E como não especialista de lexicografia que apenas tem lido aqui e ali alguma coisa sobre o tema, fui ver, aos dicionários, o que é que significa a palavra "dicionário". Em sintonia, todos diziam que é o livro que ordena alfabeticamente as palavras de uma língua com a respectiva significação.

A primeira tarefa - ordenação alfabética - até eu adivinho, é bastante mais simples que a segunda: descrever o **significado** de cada unidade. Por isso, para quem, como eu, não é especialista em lexicografia parece, assim à primeira vista, que as pessoas que fazem um dicionário devem entender-se sobre o que é que é o **significado**.

Ora como eu, embora não sendo lexicógrafo, já li algumas coisas sobre o significado, ao consultar os dicionários tenho a impressão que não há uma noção central de significado que enforme o esquema geral de sinonimização.

Eu explico melhor.

Se se perguntar, aos falantes do português, o que é um dicionário, a resposta "*é onde estão os significados das palavras*" é a mais frequente. Daqui se segue, por

consequente, que a espinha dorsal de um dicionário, porque trabalha com significados, deve assentar numa noção de significado. Ora basta abrir meia dúzia de dicionários diferentes para se notarem as divergências no tratamento das respectivas entradas. Às vezes, até, no mesmo dicionário o critério não é idêntico para todas as palavras.

Para não me pôr a falar de cor, fui espreitar a vários o significado de uma palavra usualíssima e simplicíssima, do género "*branco é, galinha o põe*" - exactamente o *ovo*.

Para ver se a coisa funcionava, ou seja, para ver se o dicionário apresenta mesmo as equivalências de sentido das palavras, imaginei alguém a tentar comprar ovos, mas em vez de utilizar esta palavra, *ovo*, utilizar as respectivas equivalências dicionarizadas.

Se se procurasse o actualíssimo, de 1994, 7ª edição, dicionário da Porto Editora, o pedido teria que ser assim: "*Faz favor: queria meia dúzia de 'células que resultam da fecundação dos gâmetas'*". Se a resposta do vendedor fosse "*Não percebi*", o cliente poderia socorrer-se do *Dicionário de Augusto Moreno* e pedir, então, meia dúzia de "*corpos arredondados que contêm o germe de uma ave ou doutro animal*". Se não tivesse êxito, pedia auxílio talvez a um dos mais famosos dicionários do português, o conhecido Dicionário Aurélio, e esperançado pedia então uma caixa de "*células resultantes da fecundação de óvulo por espermatozóide*". Se o funcionário sorrisse desconfiado, poderia ainda, se se mantivesse o desejo das omeletas, buscar socorro no *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, de António Morais, e requisitar então os pretendidos seis "*corpos formados no ovário e em que se encerra o germe do novo animal e líquidos destinados a suste esse germe*".

Eu, sinceramente, duvido que alguém percebesse, ao fim de todas estas tentativas, que se pretendia apenas meia dúzia de ovos.

Como se depreende destes exemplos, os dicionários monolingues pretendem sobretudo apresentar definições, não diria objectivas mas **objectuais**. Ou seja, fornecer **informação** sobre as características do referente.

E começa aqui a confusão. É que nem sempre são coincidentes as particularidades do referente e os traços que entram no significado de uma unidade. Por exemplo, os traços "*célula*" e "*resultante da fecundação dos gâmetas ou*

*espermatozoides* " são características no plano da análise científica do referente, mas não são traços do *significado* primeiro da palavra *ovo*. É que uma coisa é *ovo*, termo técnico da biologia; outra a palavra da língua padrão. O mesmo significante tem um significado, e por conseguinte um **valor** (no sentido saussureano) diferente conforme se insere numa nomenclatura ou na rede linguística básica. Um dicionário pode e deve dar conta das duas; mas não misturando os traços de uma e de outra.

Calhavam bem, agora, e davam uma aparência mais sólida e erudita a estas linhas, desenvolvendo considerações sobre teoria semântica que incluíssem não apenas as diferenciações entre *semas*, *sememas*, *classemas*, *significado*, *significação*, *referente*, mas igualmente uma história abreviada das teorias do significado. No entanto, perante um público conhecedor como este, prefiro passar por superficial do que tentar ensinar o padre-nosso ao vigário.

Então, afinal, em que é que deve consistir a entrada dicionarizada de cada palavra?

Uma resposta lapaliceana será que um dicionário deve dizer, **em primeiro lugar**, aquilo que a palavra **X** é para **os falantes**, ou seja, aquilo que poderá ser traduzido por *significado de comunidade* da palavra **X**.

Todas as teorias semânticas podem dar as voltas que quiserem que acabam sempre numa evidência: o significado da palavra **X** para o falante **Y** é a **imagem mental** que este último tem daquela. Cada vez mais, não só as ciências humanísticas como também, por exemplo, a neurobiologia apontam para este lado: pensamentos, palavras e imagens são vértices do mesmo triângulo.

António Damásio, o investigador de neurologia e corrector de erros de filósofos célebres assim o defende:

"Diz-se frequentemente que o pensamento não é feito apenas de imagens, que é constituído também por palavras e por símbolos abstractos não imagéticos. Ninguém negará certamente que o pensamento inclui palavras e símbolos. Mas o que essa afirmação não dá conta é do facto de tanto as palavras como outros símbolos serem baseados em representações topograficamente organizadas e serem, eles próprios, imagens." (Damásio 1995:122)

Ora então, se uma palavra dispara como significado primeiro uma imagem, deve ser útil perceber como é que é constituída, qual a estrutura dessa mesma imagem. Confiemos, mais uma vez, no dissidente cartesiano:

"As imagens *não* são armazenadas sob a forma de fotografias facsimiladas de coisas (...) No entanto, a negação de que fotos permanentes do que quer que seja possam existir no cérebro tem que ser reconciliada com a sensação, que todos nós partilhamos, de que podemos *evocar* (...) imagens aproximadas do que experienciámos anteriormente (...). Uma das tentativas de resposta a este problema sugere que estas imagens mentais são construções momentâneas, *tentativas de réplica*, de padrões que já foram experienciados pelo menos uma vez" (Damásio 1995:116-117)

Como se depreende deste ponto de vista, a imagem mental que uma palavra provoca no falante não é uma fotografia, mas antes constituída por um conjunto de traços sensoriais: aquilo que Damásio designa por "*construções momentâneas de padrões que já foram experienciados*". No fundo, esta concepção quase que coincide com a que vê a semântica da palavra como um conjunto de traços: os *semas*. Só que há uma diferença que não é apenas de pormenor: é que, ao inverso do que classicamente se defende, não é a imagem mental que deve ser decomposta em traços sémicos, mas antes estes que, vindos de vários "compartimentos" cerebrais constituem, no final do processo, a imagem. As implicações deste algoritmo cerebral serão de considerar, embora não aqui nem agora.

Prescindindo de pormenores, uma conclusão parece comum quer a neurologistas quer a semanticistas: o significado de uma palavra é uma imagem mental disparada pelo cérebro e constituída por padrões armazenados a que, embora salvaguardadas algumas diferenças de concepção, não vejo inconveniente em continuar a chamar *semas*.

Se isto se passa assim, e se os dicionários pretendem retratar os sentidos que as palavras têm, parece lógico que devem, em primeiro lugar, tentar ir ao encontro da relação entre as palavras e as imagens mentais partilhadas pelos falantes de uma comunidade linguística. Quando alguém procura no dicionário o significado da palavra **X**, procura, em primeiro lugar, aquilo que a palavra **X** significa para a comunidade que a usa. Este significado de comunidade deve ser, por conseguinte, o primeiro, se bem que não o único, a ser fornecido.

Ora o que acontece é que, normalmente, os dicionários não apresentam o significado das palavras, Apresentam, como atrás já foi dito, uma definição do referente que privilegia a descrição científica.

A maior parte das vezes, as duas facetas - significado de comunidade e descrição referencial - até coexistem. Só que são apresentadas misturadas, numa confusão que faz da entrada lexical um emaranhado de semas e conceitos só possível de descodificar para quem já de antemão souber o que a palavra quer dizer.

Ao inverso, porém, metodologicamente um dicionário deveria explicitamente indicar e escalonar os vários tipos de informação que uma entrada contém: o significado de comunidade; a descrição ou paráfrase em moldes científicos; as polissemias mais frequentes, desde as mais próximas do núcleo significativo até às que dele se vão afastando; possíveis usos metafóricos e outras facetas que concretamente o dicionário pretenda conter. Misturar tudo, é que não.

E sendo assim, fixemo-nos apenas no *significado de comunidade*: em que moldes é que este deve ser dicionarizado? Tendo presente o que há pouco se disse sobre a formação da imagem mental correspondente à palavra, convém que o processo que retrate, no dicionário, a referida imagem mental contenha os principais traços que a constituem.

É evidente que por *principais traços* se devem entender os traços semânticos que são partilhados pelo maior número de indivíduos de uma comunidade linguística e não os principais traços que constituem a imagem mental que **um** falante possui da palavra. As idiossincrasias semântico-imagéticas, como é evidente, não fazem parte do significado de comunidade de uma palavra. Este deve, apenas, abarcar as características que a maioria dos falantes normalmente utiliza para construir a imagem mental correspondente a esse significado. Para esta construção são fulcrais as características prototípicas, partilhadas pela comunidade, do referido significado.

Assim, concretamente para *ovo* há uma definição muito concisa, mas eficiente, que se serve apenas de dois traços prototípicos: "*Branco é, galinha o põe*". Toda a gente faria equivaler esta "definição" a *ovo*. O que objectivamente até está errado. A resposta correcta a esta "adivinha" não poderá ser *o ovo*, mas sim *o ovo da galinha*, já que os ovos das pombas e das codornizes não são postos pelas galinhas! Só que aqui a galinha é o protótipo dos animais que põem ovos. Aliás, a característica "branco" também só prototipicamente é que se pode aplicar aos ovos: há ovos esverdeados, às riscas, às pintas, etc. Mesmo os ovos de galinha não são

todos brancos. Uma boa parte, principalmente os das galinhas extra-aviário (das galinhas "normais") são cor de tijolo claro.

Isto mostra, até certo ponto, como para a imagem mental colectiva de *ovo* são importantes os traços "*branco*" e "*posto pelas galinhas*".

É curioso, a este propósito, a entrada *ovo* no *Dicionário de Português Básico* de Mário Vilela (na 2ª edição de 1991). Depois de um corpus de frases com a palavra *ovo*, pode ler-se:

"O *ovo* é um CORPO ORGÂNICO que se forma na fêmea de muitas classes de animais e que CONTÉM O GERME de um animal da mesma espécie. Os *ovos* que se vendem no comércio são, normalmente, *ovos* de GALINHA. Vendem-se em caixas de seis. Os *ovos* são cobertos por uma casca esbranquiçada e dentro têm a CLARA e a GEMA. Os *ovos* comem-se em OMELETA, COZIDOS, ESTRELADOS, ESCALFADOS, MEXIDOS."

Note-se que se começa pela descrição científico-natural, embora por palavras simples (não fosse este um dicionário do português *básico*): "CORPO ORGÂNICO que se forma na fêmea de muitas classes de animais e que CONTÉM O GERME de um animal da mesma espécie". Posteriormente refere o protótipo do ovo, indicando que os que se encontram são "normalmente, *ovos* de GALINHA". E se a indicação "vendem-se em caixas de seis" pode parecer um requinte de (im)precisão dispensável, a descrição que vem imediatamente a seguir busca nitidamente descrever as formas e processos típicos do ovo prototípico: "os *ovos* comem-se em OMELETA, COZIDOS, ESTRELADOS, ESCALFADOS, MEXIDOS."

A toda esta descrição só faltou indicar o forma dos ovos: arredondada, ou melhor, oval.

Em suma: é capaz de ser uma ideia ingénua e simplista conceber um dicionário como um suporte onde *também* está o que eu chamo o *significado de comunidade* das palavras; que esse significado nem sempre coincide com a descrição das particularidades objectuais do referente e como tal deve, destas, ser distinguido; que as periferias polissémicas e usos metafóricos ou figurados não se devem misturar com os traços sémicos nucleares: - tudo isto é capaz de nada interessar a um experimentado lexicógrafo. A mim e a outras pessoas simples, que não dominamos, com certeza, os labirínticos meandros da feitura dos maiores calhamaços de uma língua - os dicionários - resta a felicidade de reparar apenas

nestes pequenos detalhes que se resolveriam, se tal fosse pertinente, com a facilidade com que qualquer criança resolve a clássica adivinha: "*Branco é, galinha o pãe*".

#### **BIBLIOGRAFIA CITADA**

Damásio, António R., (1995) *O Erro de Descartes*, Europa-América.

#### **DICIONÁRIOS**

Ferreira, Aurélio B. H., *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, 2ª Ed.

Morais, António, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*.

Moreno, Augusto, (1961), *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, Editora Educação Nacional, 7ª Ed.

Vieira, Frei Domingos, (1873), *Grande Diccionario Portuguez*.

Vilela, Mário, (1991), *Dicionário do Português Básico*, Edições Asa, 2ª Ed.

(1994), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 7ª Ed.